

A primeira cineasta do mundo

ALICE GUY

Por Rita de Cássia da Silva Leão¹

Ao falarmos para os estudantes sobre os primeiros anos de existência do cinema, é incontornável mencionar a primeira mulher a dirigir filmes no mundo: **Alice Guy** (1873-1968). Ela estava presente – acompanhada de Léon Gaumont – na famosa exibição privada do cinematógrafo para cientistas, inventores e empresários, realizada pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, em Paris, no dia 22 de março de 1895.



Alice Guy (1873-1968). Foto: Divulgação.

Nascida em Paris, no dia 1º de julho de 1873, Alice Guy era filha de migrantes chilenos proprietários de livraria e editora. Logo que seu pai faleceu, quando ela tinha 22 anos de idade, conseguiu emprego de secretária na Companhia Gaumont, empresa que inicialmente fazia aparelhos fotográficos. Logo tornou-se a principal encarregada da empresa, e foi sob a sua direção que a companhia se expandiu. Atualmente, essa organização é uma referência na produção cinematográfica francesa.

Em 1896, inspirada pelos Lumière, Alice Guy fez o seu primeiro filme, *A Fada do Repolho*, cujo roteiro baseava-se em um conto cômico, no qual bebês nasciam em canteiros

¹ Antropóloga com doutorado pela PUC/SP. Cine-educadora do Coletivo Janela Aberta Cinema & Educação.

de repolhos. Esse mesmo roteiro foi refilmado por ela outras vezes, como era costume nos primeiros anos de início do cinema.

Outro curta-metragem que merece destaque nesse primeiro período é *Pierrette's Escapades* (1900), no qual três personagens envolvem-se em intrigas amorosas – Arlequim, Pierrô e Colombina. Destas, duas são masculinas e interpretadas por mulheres, que beijam-se no final, jogando luz para os temas de sexualidade e gênero.

Ainda nesses primeiros anos de produção na Gaumont, Alice Guy fez filmes sobre moda, infância, maternidade, paternidade, gravidez e abuso infantil. Em muitos deles havia situações cômicas e perseguições. Vários de seus filmes trazem personagens femininas na posição de protagonista. Elas são bem trabalhadas e representam todas as faixas etárias – das crianças às idosas. Trata-se de personagens complexas, cômicas e independentes, que abordam com sensibilidade temas do universo feminino.

A partir de 1906, Alice Guy começa a fazer filmes de 13 minutos a 35 minutos e amplia ainda mais a diversidade temática: imagine uma mulher, no início do século XX, realizando filmes que propunham a inversão dos papéis sociais. Pois Alice colocou homens submissos às mulheres ativas e poderosas em *Os resultados do feminismo* (1906).



Os resultados do feminismo (1906). Foto: Divulgação.

Nesse mesmo período fez *A vida de Cristo* (1906), um filme de 35 minutos, com vasta distribuição internacional. Outro destaque do período é *Heroína* (1907), sobre uma menina que sai de casa escondida da mãe e vive experiências sozinha em um parque. Nesse momento, ela ajuda a polícia a investigar um ladrão. Esse recorte nos faz pensar qual era o sentido de infância no início do século.



A Vida de Cristo (1906) e ***Uma Heroína de Quatro Anos*** (1907). Fotos: Divulgação.

Depois de casar-se com seu colega de trabalho Herbert Blaché, Alice Guy parte para a cidade de Nova Iorque. Em 1910, o casal funda a Companhia Solax, o maior estúdio pré-Hollywood dos Estados Unidos. Assim, Alice torna-se a primeira mulher a estar à frente de uma companhia de cinema nesse país, como diretora e roteirista de filmes, além de administradora de todos os aspectos da produção. De início, fez muito sucesso com filmes de cowboys e de guerra – com mulheres nos papéis principais –, além de produções que tratavam de relações sociais, antissemitismo e questões migratórias. Esses temas ainda são muito atuais.

Já em *Um tolo e seu dinheiro* (1912), a ideia inicial era que atores brancos e negros contracenassem. Ao saber da ideia, os atores brancos escalados se negaram a trabalhar na produção. Alice Guy, por sua vez, negou-se a trabalhar com *blackface* – a técnica de pintar de preto os rostos de atores brancos – e escalou somente atores negros para o filme. Acredita-se que esse seja o primeiro filme realizado com um elenco composto apenas por atores afrodescendentes na história do cinema.



Um tolo e seu dinheiro (1912). Foto: Divulgação.

Mais de mil filmes foram realizados por ela e catalogados. Para tanto, a cineasta passou parte da vida a escrever cartas aos historiadores de cinema, pedindo que corrigissem nos livros e artigos as autorias de filmes dela. Muitas obras foram recuperadas depois de sua morte. Afinal, muitos homens se apropriaram de seus filmes depois de 1920, quando o cinema passou a ser um ótimo negócio.

Guy realizava diversas experiências: da sincronização de efeitos visuais e sonoros – ao acionar um gramofone no estúdio de filmagem – até a pintura dos fotogramas diretamente à mão. Em seus filmes, vemos o plano aberto com corte para o plano fechado, a câmera em vários ângulos e as diversas cenas narradas em várias locações.



Madame e seus desejos (1906) e ***A Órfã do Oceano*** (1916). Fotos: Divulgação.

Um questionamento é recorrente nos documentários e artigos sobre a pioneira: por que atribuímos o início do cinema narrativo apenas aos irmãos Lumière e a Georges Méliès, se na mesma época Alice Guy dirigiu *A fada dos repolhos*, seu primeiro filme com roteiro?

Há algumas hipóteses. No contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), muitos estúdios foram fechados. Ocorreu um incêndio no estúdio Solax, de propriedade de Alice Guy. Outra questão: até os anos 1920, o cinema não era visto como um negócio lucrativo, por isso muitas mulheres trabalhavam na produção sem incomodarem os homens. Quando esse cenário muda, o cerco se fecha para elas. Assim, muitos nomes de mulheres foram apagados da história.



Alice Guy no set de *A Vida de Cristo*, filme de 1906. Foto: Divulgação.

Além dos motivos contextuais, as situações da vida pessoal – como a separação do marido Herbert Blaché – foram decisivas. Alice contraiu a gripe espanhola em 1920, o que a deixou doente e sem forças por um longo período. Em 1922, ela volta para a França com os dois filhos e tenta inúmeras vezes trabalhar com cinema, mas nunca mais consegue.

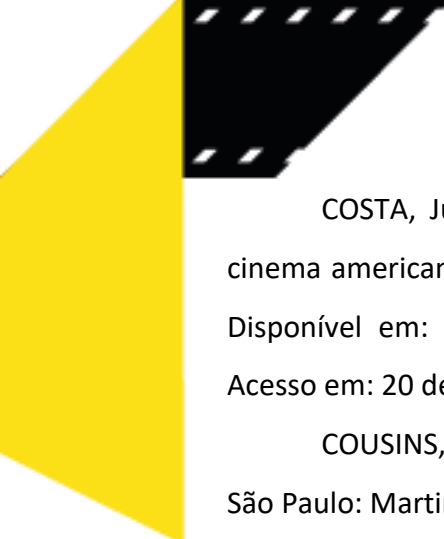
Depois de 20 anos de carreira sólida na França e nos Estados Unidos, Alice Guy percorreu o mesmo caminho de muitas mulheres que ajudaram a construir a linguagem audiovisual em suas primeiras décadas: elas foram historicamente invisibilizadas e esquecidas.

Agora, no início do século XXI, Alice Guy é vista como um ícone do processo de recuperação das pioneiras do cinema. As políticas públicas de incentivo à pesquisa no campo do audiovisual permitem reencontrar outras preciosidades que foram propositalmente apagadas ou esquecidas. Elas demonstrarão como as mulheres são capazes de reunir riqueza e pluralidade em suas produções.

A história é aberta e dinâmica. Muitas obras realizadas por mulheres, e dadas como perdidas, ainda podem ser encontradas. Sigamos em frente de olho no retrovisor da história!

Referências

BE NATURAL – A história nunca contada de Alice-Guy Blaché. Direção: Pamela B. Green. Estados Unidos: Wildwood Enterprises, Be Natural Productions, 2018. DVD (103 min), color.



COSTA, Juliana. Alice Guy Blaché, Lois Weber e Dorothy Arzner: três pioneiras do cinema americano. **Revista Cineclub Academia das Musas**, ano 1, ed. 1, n. 1, 9 ago. 2017. Disponível em: https://issuu.com/academiadasmusas/docs/academia_das_musas_-_n__1. Acesso em: 20 dez. 2023.

COUSINS, Mark. **História do Cinema: dos clássicos mudos ao cinema moderno**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.



JANELA
ABERTA
Cinema & Educação